

139 Senha alheia é tão difícil quanto Loto

Ao descartar a hipótese de um eventual equívoco, o coordenador da votação eletrônica, Jurandir Romero Menon, disse ser "tão difícil acertar uma senha por engano quanto acertar na Loto". O técnico fez esta afirmação amparado nas "rotinas de segurança" empregadas para o painel eletrônico. Menon descartou ainda qualquer possibilidade de se descobrir quem digitou a senha secreta do deputado Lael Varella — uma operação simples de digitação de cinco algarismos que pode ser consumada em uma das duas bancadas localizadas na frente do plenário, ironicamente chamadas pelos próprios parlamentares de "piano bar".

Ainda assim, há quem acredite no equívoco de algum deputado ao digitar sua senha, afirmando não ter havido má-fé. "Esse computador é tão bom que sua margem de erro é quase zero", garante um dos técnicos responsáveis pelo placar eletrônico. Ele informa que dos cinco algarismos que compõem a senha dos parlamentares, três são o número

de sua carteira parlamentar, o quarto escolhido aleatoriamente pelo computador e o quinto, o dígito verificador, é resultado de um cálculo matemático que impede erros de digitação. Assim como as senhas dos cartões magnéticos de contas bancárias, se o indivíduo digita um número errado, a máquina acusa imediatamente e ele é obrigado a repetir a operação. Se não o fez, no caso do provável pianista, houve de fato, má-fé. Os dois últimos dígitos são secretos.

1ª SINFONIA

O futuro governador do Maranhão, Edison Lobão, foi quem inaugurou o novo sistema de fraudar o painel eletrônico. Numa determinada votação da Constituinte, Lobão votou em seu nome numa cadeira do plenário. Em seguida, usando o código de José Sarney Filho, votou a mesma matéria de um posto de votação avulsa. O segundo voto foi anulado.

— Esse tipo de fraude emporcalha a imagem já desgastada do Congresso — protestou o depu-

tado José Genoíno (PT/SP), o campeão de presenças no Congresso Nacional. O senador Roman Tito (PMDB/MG), ontem, tentou isentar de responsabilidade o deputado Lael Varella no mais novo episódio de fraude eletrônica, o nono na galeria dos pianistas conhecidos no Congresso.

COBERTURA

— Deve ter havido algum engano — afirmou o senador, ele próprio membro do já não tão fechado clube pianístico — parlamentar. Tito e o ex-deputado Homero Santos (PMDB/MG), hoje ministro do Tribunal de Contas da União, foram descobertos quando votavam ao mesmo tempo, na sua cadeira e na cadeira do vizinho.

Na Constituinte, para evitar este tipo de fraude, se instituiu um sistema em que o parlamentar tinha de empregar as duas mãos, apertando dois botões diferentes para votar. Não foi eficiente, já que eles usam a alternativa dos postos avulsos para votar por colegas.